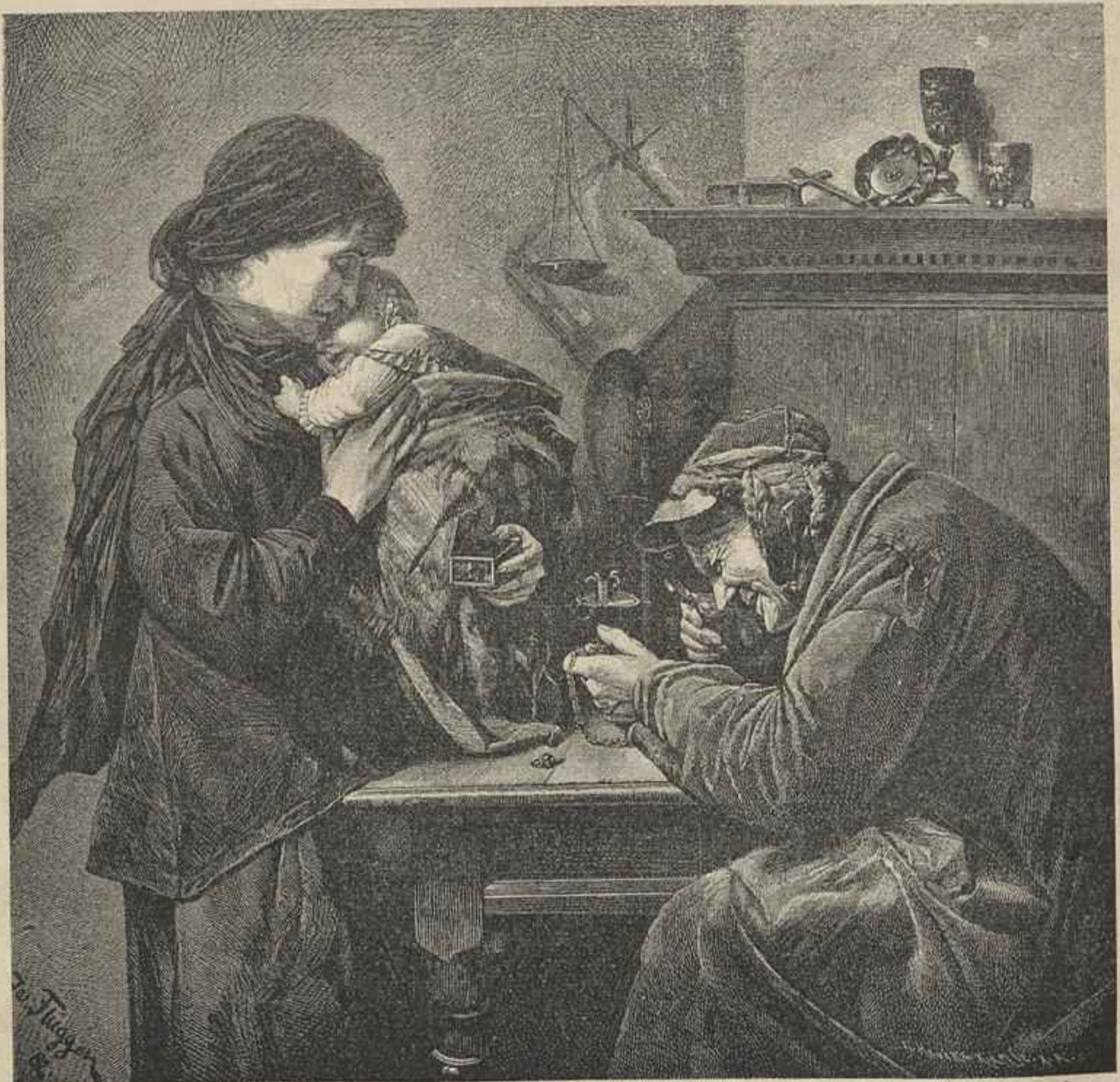


# OCCIDENTENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 533	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	35000	18000	5950	5120	11 DE OUTUBRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	23000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	29500	—	—		

## BELLAS ARTES



O PENHOR  
QUADRO DE FLUGGEN



## CHRONICA OCCIDENTAL

Não conheço no mundo divindade mais tyranica e mais mettedica do que essa omnipotente deusa, que tão decantada e tão discutida tem sido pelos poetas e pelos philosophos de todos os tempos e que se chama — Moda!

Ella mette-se em tudo, a maldita! não se limita a dar sentenças nos vestidos das senhoras e nas *toilettes* dos homens, no feitio d'um chapéo e no talhe d'uma sobrecasaca, no figurino d'um sophá ou na predominancia d'um perfume: vae mais longe e até mette o seu nariz n'aquellas coisas mais serias, mais graves, mais tristes, que pela sua propria natureza pareciam dever estar fóra da sua alçada, a doença! o crime, a morte!

E isto não é um paradoxo, é nimamente uma verdade.

E' incontestavel que a doença tem soffrido a influencia da moda, como todas as coisas d'este mundo e que ha doenças á antiga e doenças á moderna, como ha barba á Garret e suissas á Benoiton, como ha saias balão e vestidos *collantes*. Doenças que aqui ha quarenta annos matavam rapidamente, hoje já não matam e quasi que engordam; e outras que então não matavam e com as quaes se vivia muito tempo, levam agora um sujeito para a cova n'um abrir e fechar d'olhos.

A tísica por exemplo. Lembro-me perfeitamente na minha mocidade de conhecer muitos tísicos; hoje desafio qualquer pessoa a conhecer um só que seja para amostra.

Hoje o tísico moderno não é conhecido de ninguém porque tão depressa principia a ser tísico passa logo a ser defuncto; d'antes as pessoas tísicas eram de lavar e durar, viviam annos e annos, como a gallinha vive com a sua pevide e ordinariamente morriam sempre d'outras doenças.

Eu não sei porque é isto, o que sei é que é assim mesmo e que não posso attribuir este facto senão á influencia omnipotente da moda.

No crime dá-se a mesma coisa. Antigamente havia muitos crimes e crimes de se lhes tirar o chapéo: mas cada crime tinha um ou dois criminosos, ou tres, aquillo liquidava-se n'um abrir e fechar d'olhos estava prompto.

Hoje nada d'isso, hoje cada crime que apparece não traz como auctor um homem, ou uma quadriha, traz uma verdadeira legião; os cúmplices vem enrolados uns nos outros como as cerejas quando se tira uma mão cheia d'um cabaz, e por isso o sr. juiz Veiga quando pega n'um processo parece um prestidigitador quando pega n'um chapéo magico, começa a tirar lá de dentro metros e metros, kilometros de fita, que vão enrolar quasi que uma cidade inteira.

Foi isto que se deu com o caso das parteiras, é isto que se está dando com o caso dos defalques nas obras publicas, o caso do dia que está fazendo grande sensação em Lisboa.

Para nós consolarmos d'este caso, no egoismo humano que acha sempre certa consolação em encontrar no seu semelhante mal igual ao seu, senão maior, temos o caso da França com o seu Panamá e parece no fim de contas olhando para todos os lados e comparando essa doença, que em toda a parte e ao mesmo tempo invadiu o organismo social, que não se trata de casos esporadicos mas sim de casos epidemicos da mesma enfermidade, do mesmo mormo, que accommetteu a Europa no fim do seculo XIX.

E, enquanto não se descobrir a vaccina contra esta epidemia moral, ou para melhor dizer immoral, enquanto não se achar a prophylaxia para esta terrivel doença, parece-me que se perde o tempo a querer dar-lhe remedio, a não ser por milagre — e os milagres já não estão em moda. Em summa vamos a ver se elle se faz.

A vida das praias vae caminhando para o seu fim com as primeiras chuvas do outomno e os primeiros frios do inverno, que começam já a fazer desabrochar os paletots e os sobretudos.

A prohibição do jogo, que logicamente se estendeu das batotas de Lisboa a todas as roletas balneares, fez esmorecer um bocadinho a animação das praias como não podia deixar de ser, visto que a espera do numero carregado, ou da carta cercada, chama muito mais a gente ás praias do que a espera da onda ou o mergulho na lympha chrySTALLINA.

E segundo se diz parece que algumas auctoridades locais comprehenderam isto e depois de terem aberto os olhos com o officio do ministerio do Reino começaram outra vez a fechar os, para que as praias não ficassem deshabitadas de banhistas antes que os temporaes do inverno comessem a habitá-las.

Em todo o caso a animação das praias com ou sem roleta está por pouco tempo porque a estação já não está muito para banhos de mar.

Nem para banhos de mar nem para touros e isto vê-se em Lisboa, onde a chuva e o mau tempo já obriga as touradas a adiamentos e já impede os enchentes que de verão faziam a fortuna da praça do Campo Pequeno.

O inverno está a bater á porta. O seu cartão de visita anda já ahí por todas as partes, nas castanhas assadas que já enchem de fumo as portas das tabernas, no marmelo cosido, que enche as ruas com o seu pregão, nos americanos que vão cheios de gente para a Feira do Campo Grande, nos theatros que já se enchem, todas as noites, de gente a quem já não sabe mal o calor d'uma sala cheia de gaz e de espectadores.

Um dos mais cheios até agora tem sido o theatro da Trindade e ainda não principiou a dar repertorio novo, ainda não apresentou a sua nova estrella, a Pepa, e graciosa e festejada actriz, que depois d'uma *tournee* gloriosa pelo Brazil vem a Lisboa fazer a epocha de inverno no theatro da Trindade, theatro de que assume a direcção o Sousa Bastos, que não é só um escriptor theatral dos mais festejados, como tambem um dos empresarios mais habéis, mais intelligentes e mais sabidos em coisas de theatro, que ha hoje na nossa terra.

Augmentada com uma actriz illustre e querida do publico como a Pepa, a companhia da Trindade que contava já actrizes do valor de Anna Pereira, Augusta Cordeiro, Amelia Barros, Mercedes Blasco, Fantony, Isaura, augmentada com um actor comico engraçadissimo como Alfredo de Carvalho, a companhia que tinha já um grupo de artistas distinctos como Augusto, Queiroz, Portugal, Gomes, Oliveira, Justino, o theatro da Trindade promete-nos uma bella epocha de inverno.

O Gymnasio tem tambem este anno a sua excellente companhia de comedia reforçada com uma actriz muito distincta, a Josepha d'Oliveira, que deixou este anno a opera comica pela comedia, onde o seu talento lhe garante um lugar proeminente.

As altas aptidões de Josepha como comediante estavam já demonstradas brilhantemente pela maneira como ella representava e dizia os seus papeis na operetta, como por exemplo no *Pato de tres bicos*.

No Gymnasio debutou n'uma comedia em 1 acto *Fausto e Margarida* em que fez distinctamente uma scena de embriaguez e n'uma comedia em 4 actos os *Grillos* em que tem muito pouco que fazer; mas o pouco que ella faz muito bem.

E a respeito d'esta comedia que eu ha quatro annos traduzi da comedia Vast Recuard *Les cerisse* permittam-me que volte a repetir umas coisas que aqui tenho repetido muitas vezes a respeito de traducções.

Ha em Lisboa o maldito sestro de confundir completamente traductor com auctor e d'ahi o costume de chamar muitas vezes ao palco os traductores das peças, que agradam, como se elles tivessem alguma coisa com isso.

Tenho me submettido algumas vezes a esse costume, reservando o direito de protestar contra elle, e aqui tenho protestado varias vezes — para não prejudicar os interesses das empresas, porque o publico irrita-se quando o traductor não apparece a agradecer as chamadas, patea as peças — como por exemplo patea o *Bebé* na primeira noite quando Pinheiro Chagas, o traductor, se recusava a apparecer, visto não ter nada com o successo da comedia.

E protestando contra essa confusão entre auctor e traductor eu tenho me reservado o direito de dizer das obras, que traduzo, o bem ou mal que d'ellas penso, porque de maneira nenhuma me considero solidario com os auctores nem nos applausos nem no desagrado, que as suas obras provocam.

Disse isto aqui mesmo quando a *Sociedade onde a gente se aborrece* teve um exito enorme no theatro de D. Maria, tenho o dito todas as vezes que se trata d'uma traducção, porque, só rarisimas vezes o publico, nos seus applausos distingue o trabalho e as responsabilidades do auctor, do trabalho e das responsabilidades do traductor, e mesmo que porventura se queira dar aos applausos ou ás censuras do publico a um traductor a significação de applauso ou censura á escolha

da obra que traduziu, essa significação não colhe porque raras vezes essa mesma responsabilidade de escolha lhe compete.

E já que citei aqui uma vez o nome glorioso de Pinheiro Chagas permittam-me citar a sua opinião auctorisadissima e incontestavel, quando, tendo traduzido o *Rabagas* de Sardou para o theatro de D. Maria, criticou severamente a peça em esplendidos folhetins no *Jornal do Commercio*, folhetins que fazem lei, pelo nome que os firma e pela logica de ferro da sua argumentação, em materia de responsabilidade de traductores.

O theatro da Avenida abre d'aquí a dois dias com uma companhia nova d'opera comica, companhia de que é emperezaria e directora a gentilissima e applaudida actriz Cinira Polonia, e de que é maestro o nosso querido amigo e companheiro de trabalho, Cyrriaco Cardoso. A companhia tem artistas de reconhecido merito, excellentes vozes e entre as actrizes figura a sr.<sup>a</sup> Aurelia dos Santos que é uma das melhores cantoras d'opera comica que ha em Portugal.

A peça de abertura é a magica *Lenda do Rei de Granada* do sr. J. Antonio d'Oliveira, magica que ha annos se representou com grande agrado no theatro das Variedades. Agora essa magica tem a refazer-lhe a novidade deliciosa musica de Cyrriaco Cardoso, um desempenho de primeira ordem, e um mis-en-scene e scenario luxuosissimo.

Na proxima chronica daremos conta da *première* d'essa magica e da inauguração da empresa Cinira Polonia, a que desejamos todas as felicidades, felicidades de que ella está tão certa, que arrosta com todos os enquiços, inaugurando os seus espectaculos no dia 13 e a uma sexta feira!

Gervasio Lobato.

## Exposição Industrial Portugueza

(Concluido do n.º 532)

*Grupo XI.III. (Relojoaria).* Augusto Justiniano de Arango, Augusto Cesar dos Santos e Manuel Antonio Ribeiro, que são os unicos expositores.

*Grupo XLIV. (Instrumentos musicos).* Expõe neste grupo os srs.: Joseph Delarue, Neuparth, Carneiro & C.<sup>a</sup> Manuel José Gomes, Henrique Monteiro & Filho, Custodio Cardoso Pereira, Joaquim José da Rocha & Filho.

*Grupo XLV. (Obra de selheiro e correiro).* Tem lugar neste grupo a exposição do sr. Rocha & Silva que é o unico expositor.

*Grupo XLVII. (Construcção naval e pescarias).* Expõe, neste grupo a *Companhia de tinçicos portuguezes*; Domingos Antonio de Abreu, Julio Braz de Lemos; etc., etc.

*Grupo XLVIII. (máquinas de vapor e diversas)* Vêm-se, aqui, as exposições: *Viviva Theotónio Xavier & Filho*; *Sociedade primeiro de Novembro*; *Julio & Franco*; *José Maria Lourenço Junior* e tantos outros já citados.

Sem classe determinada expõem n'esta secção os srs. Joaquim Correia; Joaquim Rufino Ribeiro; Manuel Maria de Sousa etc.

Assim acabamos de enunciar, os expositores das galerias do Museu, trataremos agora da galeria annexa em que expõem as escolas industriaes.

Tem ahí lugar o *Instituto Industrial e Commercial de Lisboa*; cuja exposição é bastante notavel. Tem mais de duzentos objectos, sobresahindo os instrumentos de precisão.

As diferentes officinas apresentam-se bem e fazem honra á sua direcção.

Nas *Escolas Industriaes*, distingue-se o *Marquez de Pombal* cuja exposição é sobremodo agradável, apparatusa e digna de attenção. Seguem-se as seguintes escolas: *Campos Mello*; *Fradesso da Silveira*; *Afonso Domingues*; *D. Amelia*; *Damião de Góes*; *D. Leonor*; *Domingos Sequeira*, *D. Maria Pia*; *Victorino Damasio*; *Jacome Rallon* e *Pedro Nunes*, que apresentam alguns desenhos bem feitos e agradaveis.

Vamos passar aos annexos, que não são muitos, mas antes de os citar, recapitularemos o que das galerias do Museu, mais, se nos evidenciou. A grande variedade de *industrias novas*, em Portugal, é um dos factos que nos impressionou mais agradavelmente.

Vamos dizer quaes são: *Brinquedos e Quinquilharias*, objectos que já d'antes eram vendidos como estrangeiros, *Lavores em couro*, o que é um trabalho novo. *Passamaneria, Jutas e Bourrettes de seda* imitando perfeitamente o que se importava até aqui. *Barba Cornea* imitando a barba de baleia. *Lanifícios*, uma completa novidade em tecidos para vestidos de senhora. Grandes novidades também se apresenta na fabricação dos *tecidos de algodão*. As *perfumarias* imitando perfeitamente tudo o que se importava. *Essencias e Gomas-Puados* ou corda para machinas de tecelagem. *Aleatrão mineral* e diversos extractos. *Vernizes e collas. Tintas finas, em tubos, para paleta. Metallurgia* sobresaem as portas onduladas, camas, candeeiros, etc., etc. *Limas e grossas. Preparação de couros*, ha novidade no preparo da pelle chamada *chagrín*. Em *pharmacia* grande é a perfeição attingida: novidades em pastilhas e capsulas. *Colchões de arame*, imitação dos americanos. *Machinas* para fabricar telha pelo modelo marselezes. *Tubos de cobre, etc. Obras de zinco. Bague* para molduras. *Fiação de linho, roupa, etc., etc.*, são industrias em que se nota grande desenvolvimento. Os *alfinetes* e os *ganchos* são bem fabricados, etc., etc.

Pena, será, que algumas das novas industrias, não passem da tentativa. Comtudo a protecção pautal fazer-se ha sentir d'uma forma benéfica. Merecem bastante auxilio e sympathia porque na industria está a nobilitação do paiz.

Os annexos. Ao sahir da galeria principal, encontram-se á direita — uma serie de annexos, construcções d'um caracter extremamente provisório, mas de bom aspecto. Assim, a *Fabrica de vidros na Amora*, cuja exposição, é uma garrafa enorme, formada por centenas de garrafas pretas. Seguindo, está a instalação da casa *Frederico Collares*, exposição que é bastante honrosa para este se-hor.

Mais adiante, está a exposição do sr. *Eduardo Augusto Pinto de Magalhães*, em que se apreciam alguns bellos productos da sua fabrica de ladrilhos mosaicos.

No extremo, ao fundo da rua alinhada por estes annexos encontra-se uma construcção elegante, de ferro, trabalho da *Promittente* de que são proprietarios proficientes os srs. Ramires, Sobrinho & Germano. Nesta instalação se apreciam diversos productos da fundição de ferro e outros metaes. A nitidez da fundição, devida aos bons modelos e ferramentas, é inexcelsavel. É uma exposição bastante completa e uma das que melhor representam o estado da serralheria e fundição de ferro, em Portugal.

No decorrer, d'esta rapida revista, dissemos, ter sido iniciador da Exposição Industrial, o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Joaquim Tello que a propoz ao sr. ministro das obras publicas, sr. Conselheiro dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, o qual a approvou. Citamos, ainda, o sr. Jeronymo Silva, cavalheiro que bastante trabalhou na realisação d'este certamen.

Damos, hoje, os retratos dos trez cooperadores, aos quaes vamos juntar uns resumidos dados biographicos.

**CONSELHEIRO BERNARDINO LUIZ MACHADO GUIMARÃES.** — É actual ministro das obras publicas. Entrou pela primeira vez nos conselhos da corôa, em março de 1893. Conta apenas 43 annos de idade, é, de ha muito lente da Universidade de Coimbra, onde se formou em philosophia. Os seus trabalhos sobre instrucção publica são bastante conhecidos, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Tem desempenhado commissões importantes taes como as de membro do Conselho de Instrucção Publica, director do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, etc.

Ainda ha pouco desempenhou, em Madrid, a commissão de representante portuguez no Congresso Pedagogico, nas festas columbinas, e no desempenho d'essa importante missão, muito honrou o seu paiz.

Como politico, foi eleito deputado por Lamego, e no Parlamento advogou sempre os progressos scientificos.

**DR. JOSÉ JOAQUIM PIMENTA TELLO.** — Doutor formado em medicina, deputado e jornalista, o talento de tão distincto cavalheiro tem-se manifestado em exuberantes provas. O sr. conselheiro Emygdio

Navarro, ao tomar conta do seu ministerio, escolheu o dr. Tello para seu secretario particular. Ainda n'este cargo, vem, colhel-o a nomeação de chefe da repartição de Industria do mesmo ministerio, isto em 1886. A este lugar ajunta hoje o de director do *Museu Industrial e Commercial de Lisboa*.

É condecorado com o grau de cavalheiro da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição, distincção obtida pelos serviços prestados como cirurgião-mór, na direcção da enfermaria provisoria de Villa Real de Santo Antonio, por occasião da epocha trabalhosa de receios da invasão do cholera, em fins de 1885.

O dr. Tello, está em toda a força da vida pois nasceu em 6 de fevereiro de 1841.

**JERONYMO DA SILVA.** — É um d'aquelles homens que devem tudo ao seu trabalho. Infatigavel, intelligente, tem affirmado bastante o seu valor. É um cavalheiro a quem a industria portugueza muito deve; innumeras vezes tem concorrido a cooperar na direcção de certamen d'esta ordem. É conservador do *Museu Industrial e Commercial de Lisboa*, foi vogal da commissão executiva da exposição da Avenida, em 1888; na secção portugueza, em Paris, Anvers, etc.

É condecorado com diferentes Ordens Militares Portuguezas, e ainda ha dias foi agraciado com a do *Merito Industrial*.

N'estas recompensas, e nas provas do seu trabalho, estão os elogios do illustre conservador do *Museu Industrial*.

Elmanoel



## AS NOSSAS GRAVURAS

### O PENHOR

N'este quadro, o pintor Flüggen, dá-nos o thema mais complexo — e talvez paradoxo —, mais simples: o de, se o progresso a par dos seus grandes inventos e innovações nos arrasta á desmoralisação? No assumpto, escolhido pelo artista germanico, é facil responder a esta proposição pois que infelizmente, o progresso é retroactivo em moral, e senão no conjunto, actualmente, pelo menos na especialidade.

Os gregos foram moralistas especiaes d'um grande valor. Os romanos respeitaram a moralidade especial, e esqueceram bastante o seu conjunto. Nas evoluções do progresso nota-se o contrario, o conjunto é superior ao elemento parcial.

Assim, na economia, o conjunto deveria ser mais moral, mas os factos mais extraordinarios nos mostram que nem na generalidade e mesmo em pequeno numero de especialidade ella tras-luz.

Se, remontando aos principios do nosso seculo analysarmos o contracto civil denominado, *uqura* vemos que a elle se recorria só em casos extremos e com um recato bastante grande devido a considerar-se o pedir emprestado como uma prova de miseria, que podia dar logar á quebra da consideração social. Tratava-se de utilizar o menos possivel esta maneira de conseguir capital.

Hoje, contrariamente, o empenhar, o pedir emprestado sobre penhor, é vulgar, e como se desconhece o preceito philosophico: que o pedir emprestado é perder o habito de boa economia, acontece que não se valem d'esse recurso, somente em caso critico, contam com elle para as maiores futilidades. Vê-se empenhar um objecto de primeira necessidade para satisfazer um pueril prazer, concorrer a um divertimento etc.

Evidencia-se certa utilidade no prestamento de capital, no caso de uma doença subita, um pagamento n'um dia determinado, etc.

Aquella viuva que se vê no quadro, entrega ao usurario uma das ultimas joias, aquella que por mais tempo guardou, talvez o presente do noivo, aquella collar que o velho examina com a lente e que vae tocar e submeter ao acido azotico, depois pezal o e emprestar á pobre mãe viuva uma porção de dinheiro equivalente ao terço ou quarto do seu valor, e se quizer.

Com o decorrer dos annos, as *casas de penhores* iniciadas pelo usurario encapotado, encontram-se a cada passo. Não ha uma rua em que se não vejam, e até com vistosas taboletas e illuminações.

Em tudo o mercantilismo, em tudo o commer-

cialismo, que parecendo ter sido o factor do progresso das primeiras epochas é o elemento de retroactividade dos ultimos tempos em tudo o que elles podem encerrar de bom nos costumes.

## A EXPOSIÇÃO DE CHICAGO

### VISTA GERAL DOS EDIFICIOS DA EXPOSIÇÃO

Em o n.<sup>o</sup> 528 do OCCIDENTE a paginas 185, 186 e 187, do presente volume, publicamos uma gravura do Palacio da Administração e entrada principal da Exposição, e um desenvolvido artigo descriptivo, onde o leitor curioso encontra mencionados todos os edificios que compõe a grande Exposição de Chicago.

O conjunto d'aquelles edificios é o que a nossa gravura da pagina 229 representa, em uma vista geral, de deslumbrante effeito.

De facto, nada mais curioso de ver, do que aquelle conjunto de edificios de todos os estylos architectonicos, tão diversos, reunidos ali em perfeita harmonia, deslumbrando a vista dos visitantes.

Aquelles de nossos leitores, que não foram a Chicago visitar a exposição, podem fazer uma idéa mais aproximada d'aquelle extraordinario certamen, vendo a gravura que hoje pomos ante os seus olhos e lendo a descripção que publicamos, como dissemos em o n.<sup>o</sup> 528 do OCCIDENTE.

Um periodico de engenharia de Chicago, publica a seguinte nota da despeza feita com a exposição.

Segundo aquelle periodico a somma despendida até 7 de agosto ultimo, em construcções e exploração subia a 23.867.752 libras. O producto das entradas até aquella data era de 3.447.037 libras, e as receitas varias por concessões, etc., de 1.178.596 libras.

O rendimento diario é agora de 80.000 libras e as despezas diarias de 65.000. Se a exposição, portanto, continuar aberta por mais 60 dias a contar de 7 de agosto, poderá realizar uma receita total de 8.600.000 libras, que deduzidas da despeza total, dará um prejuizo de cerca de 16.000.000, libras o maior que até hoje tem havido em exposições.

### A EGREJA DE VILLA MEÃ

O leitor não tem lido em romances discripções de pobres ermiterios ou pequenas egrejas de aldeia emolduradas pela rama das arvores, simples e pobres como Christo, lembrando a humildade, o desprendimento pelas coisas do mundo, para só se elevar o espirito ao ceu na prece fervorosa de uma creença sincera.

Se tem lido ou ouvido fallar d'estes pequenos templos, tão singelos como a prece do innocente, ahí tem na nossa gravura um exemplar bem puro na pequena igreja de Villa Meã, que hoje reproduzimos, n'estas paginas.

A sua historia é tão singela como a sua fabrica. É uma casa de oração, em que tem elevado as suas preces, a Deus, gerações inteiras, e para muitos, aquelle pequeno e pobre templo é o edificio mais grandioso que a sua imaginação pôde idealisar, porque nunca conheceram outro, e em relação á pobre choupana que habitam, aquella construcção é sumptuosa.

O que lhe falta, porém, nos adornos da arte sobra-lhe nas bellezas naturaes. Se a arte foi mesquinha com o pobre ermiterio, a natureza foi prodiga em o adornar. Atapetou-lhe o caminho de flores, bordou-lhe as paredes de eras, cercou-o de gigantescas arvores e de toda a maneira se affirma a grandeza do Creator, ora o adoremos na basilica mais pomposa, ora na ermida mais modesta.

É um quadro cheio de poesia este pittoresco ermiterio, e como tal o distincto amator photographo sr. Carlos Relvas o photographou para o seu album precioso dos monumentos e logares pittorescos de Portugal.

## O CORSARIO PORTUGUEZ ANTONIO VALLADARES

(Concluido do n.<sup>o</sup> 531)

### IV

Voltando do porto de armamento á ilha de Bas, Balidar tinha dado á equipagem do seu lugre novo, uma prova, bastante singular, de sangue frio e de presença de espirito.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA



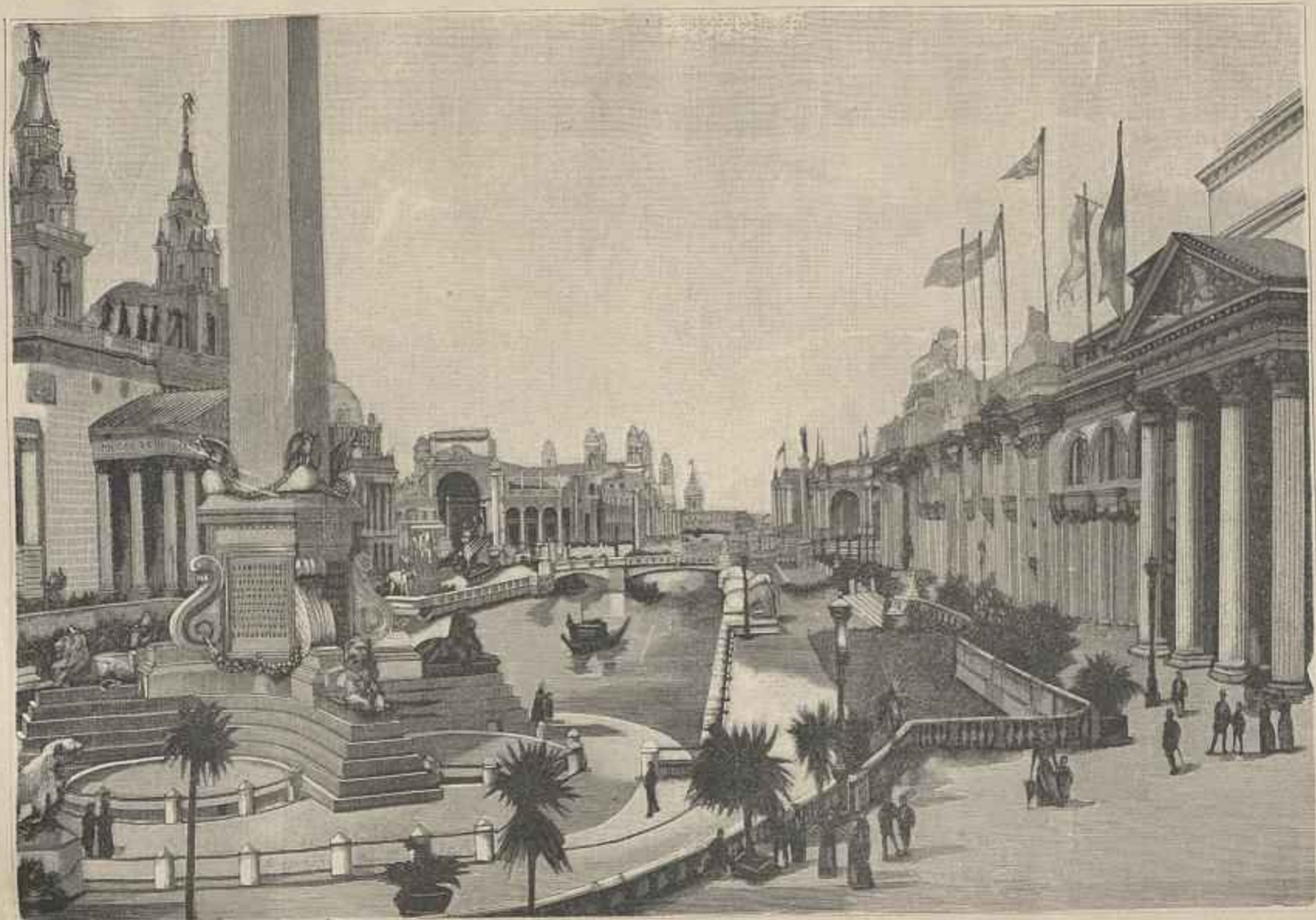
CONSELHEIRO DR. BERNARDINO MACHADO  
MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS COMMERCIO E INDUSTRIA, QUE DECRETOU A EXPOSIÇÃO



DR. JOAQUIM TELLO  
PROMOTOR DA EXPOSIÇÃO



JERONYMO FERREIRA DA SILVA  
ENCARREGADO DE ORGANISAR A EXPOSIÇÃO



EXPOSIÇÃO DE CHICAGO — VISTA GERAL DOS PRINCIPAIS EDIFÍCIOS DA EXPOSIÇÃO

Tendo cahido do filerete do seu navio, ao mar, na bahia de Launton, no momento em que com o pequeno porta-voz á bocca, dava uma ordem á sua gente, viram-o, no meio das vagas, commandar ao seu corsario a manobra que era preciso que se fizesse para salvá-lo, elle, o capitão do navio!... Foi, certamente, a primeira vez que um capitão se lembrou de dar, nadando, ordens ao porta-voz, á sua equipagem ou ao official de manobras.

Poucos dias depois de estar no ancoradouro, amarrado perto de nós, aonde esperava uma brisa favoravel, para começar as suas correrias Valladares, teve noticia que um grande lugre de Jersey se estabelecera cruzando ao largo da ilha de Bas, para bloquear, n'este porto, os tres ou quatro corsarios que alli se encontravam em descanso. A occasião de abrir a sua campanha de inverno como tinha fechado a de estio, pareceu-lhe bella. Não tinha a bordo do *Revolução* mais do que uns centos homens de tripulação; então, procurou em terra, por meio de algumas centenas de francos, o suprimento de marinheiros que julgava necessario na execução do seu designio, prevenindo todavia os novos engajados que não os ajustava senão para o momento do *golpe de graça*, para a *penteadela*. Depois de todas estas disposições, disse, uma bella noite aos seus collegas, os outros capitães dos corsarios: *este grande patife jersiano bloqueia-vos aqui: vou livrar-vos do jersiano*; e isto annuciado, eis o lugre *A Revolução* partindo ao cair da noite para ir dar uma *penteadela*, este era o termo uzado para com o temivel lugre inglez que até ali tinha insolentemente desafiado todos os corsarios ancorados no canal da ilha.

Essa noite foi terrivel: duas horas depois da partida de Balidar, o horizonte abrasou-se com o fogo que vomitavam a curtos intervallos os canhões e a mosqueteria dos dois navios, abalando o ar com o ruido dos tiros e das descargas, com um surdo estrondo semelhante ao ribombar do trovão longinquo. Pela manhã, e só com a primeira claridade do dia, cessou o combate, e viu-se o *Revolução*, meio desmoronado, voltar, com as velas cheias de rasgões e os payezes arrancados, ao lugar em que tinha estado de vigia para encontrar o lugre inglez. A chegada de Balidar ao canal da ilha de Bas, as primeiras embarcações que o abordaram, para lhe darem soccorro, voltaram para terra carregadas de mortos e feridos, e sujas com o sangue que corria do corsario para o mar. Trinta homens tinham morrido na abordagem que o *Revolução* havia dado ao inimigo. O lugre a que o corsario se tinha assim encostado, pela noite, estava armado com duzentos homens de infantaria e doze peças de artilheria. Os dois depois de terem estado *engatados* um ao outro durante tres horas, haviam-se separado por causa do mar e do vento. Balidar que estava a bordo do navio inglez, quando o *Revolução* tomou o largo, viu-se constringido a lançar-se ao mar para alcançar a nado o seu lugre destruido e desmoronado... O grande lugre inglez, mais maltratado ainda, que o adversario, tomou de novo o rumo do norte, para evitar um outro ataque que Balidar não deixaria de dar-lhe por pouco que o seu navio se achasse em estado de lhe ajudar a caça. Mas, como dizia o capitão portuguez, depois de ter alcançado, a nado, a sua gente: «Não é o coração que nos falta, são as pernas, este patife jersiano tem ainda velas, e nós não temos mais do que uns lencinhos d'assoar... Oh! se o tratante me torna a cair debaixo de mão!...»

## V

As anedoctas particulares chegam em seguida á historia geral. Um dos officiaes do *Revolução*, o unico de todo o estado maior, que ficou illeso; contou nos que, Valladares, tendo descarregado, sobre o capitão inglez, as duas pistolas com que tinha saltado, sendo um dos primeiros, á abordagem; se entretinha em matar á coronhada os *gersianos*, que fugiam de anted'elle como um rebanho de cordeiros deante d'um lobo esfaimado. «Eu não sei, que o diabo me leve, ajuntava este official, como não foi estendido morto cem vezes! É preciso que as balas e as cutiladas tivessem resvalado pela jãpona. Ficando só, unico, de nós todos a bordo do lugre inimigo, os inglezes não se atreveram a cair sobre elle, e sósinho teria apressado o navio se o pudesse tripular só. E, mais, não se lançou a nado para nos alcançar senão por sua livre vontade, como se tivera necessidade d'um banho de mar.»

Mas na sua volta a Roscoff o glorioso capitão foi acolhido d'uma maneira muito singular para um triumphador. Todas as familias dos individuos que tinha engajado para o ajudarem a dar a

*penteadela*, lhe pediam conta dos paes, dos irmãos, dos filhos, que elle tinha feito matar na abordagem ao lugre inglez. «Que quereis que faça? respondeu Balidar ás lamentações de todas as mães, das irmãs, das filhas que o seguiam chorando e gritando: não os tinha prevenido de antemão que lhes faria ganhar o seu dinheiro? Eu proprio procurei ganhar o meu. Mas, n'estas especies de *bambochatas militares* tremam quem tiver medo, infeliz de quem for agarrado.»

Demais, todas as viúvas e orphãs foram indemnizadas, com liberalidade, pelo generoso corsario; os feridos receberam n'uma sala, que elle dispoz á parte, todos os cuidados que se podiam comprar a preço de dinheiro e de sacrificios.

Ao fim de oito ou dez dias, o lugre *Revolução*, reparado, limpo e restaurado, dirigiu-se para o alto mar, fresco e disposto como um navio saído dos estaleiros, para ir procurar ao largo outros combates, e fazer pagar caro aos inglezes o meio chegue que o *gersiano* lhe tinha dado.

Voltou um mez, depois, de andar cruzando, com tres ou quatro prezas d'um valor bastante grande, mas sem ter encontrado d'esta vez occasião de renovar a sua *bambochata militar*.

## VI

Tornado rico, pelas capturas que fizera, e famoso entre todos os corsarios pelas acções brilhantes que havia ligado á origem da sua fortuna, Balidar teve um dia a phantasia de casar-se, não para ter uma mulher para elle, pois que poderia comprar mil, mas para fazer como os outros, e para saber, talvez, um pouco o que era o casamento, do qual estava, sem duvida fatigado d'ouvir fallar. Uma vez casado, disseram-lhe, que com uma mulher bonita era bom possuir uma casa rica; e o novo iniciado nos mysterios do hymeneu tornou-se proprietario d'um dos grandes palacios do porto do mar, onde já encontrara uma esposa. As grades da varanda do palacio eram de ferro, o adquiridor fez substituil-as por uma balaustrada de prata macissa, e alguns dias depois de ter installado sua mulher, na casa sumptuosa, que acabava de fazer mobiliar esplendidamente, eis o corsario que deixa a sua casa nova, a joven esposa e a varanda de prata para se ir metter a bordo d'um grande cutter que o esperava ao sahir da igreja e cahir no bello meio dos seus antigos companheiros d'aventuras, com os quaes voltou para o alto mar, como se tivesse ainda que fazer a sua fortuna e o seu futuro a assegurar.

Esta retomada da posse do mister, foi ainda assignalada por um d'estes acontecimentos que marcavam quasi sempre a reaparição de Balidar nos mares da Mancha. Um pequeno, brigue de guerra, inglez, encontrou-se, por sua infelicidade, no mesmo caminho que levava o cutter do recém-casado que se dirigia á embocadura do Tamisa. O cutter caçou, de noite, o brigue que se deixou perseguir, com a intenção de fazer pagar caro, a audacia ou engano, ao navio caçador, que parecia ter-se desviado manobrando para o abordar. Mas Balidar, que advinhou a força, a idéa e o projecto do brigue de guerra, ordenou a toda a sua gente se deitasse no convex enquanto que elle só, governaria o cutter de maneira a abordar o inimigo no momento opportuno. Foi, então, que disse aos marinheiros: «É tempo das *minhas meninas*, se levantarem da cama e depressa!» O brigue inglez, no instante em que viu chegar, a alcance d'um tiro de espingarda, o corsario de que julgava poder apoderar-se como d'uma preza já adquirida, começou por vir bruscamente atravessar-se para enviar pela frente, uma descarga geral de artilheria a tão temerario adversario. A metralha assobiou, choveu sobre o pobre cutter e sobre Balidar, que, sempre postado de pé á canna do leme recebeu sacudindo as orelhas esta rebanhada de fogo. Mas antes que o inglez pudesse vir de bordo para atirar uma nova descarga ao corsario que continuava aproximando-se, vae este d'encontro ao brigue e vomita-lhe cento e cincuenta corsarios que, de machado e de punhal em punho lhe roubam em dez minutos a preza sobre a qual também tinham contado como inevitavel.

Na mesma noite d'este aprisionamento, o cutter depois de ter expedido para França o brigue capturado, tripulou os tres ou quatro grandes embarcações que o navio inglez escoltava, tornadas, depressa, no mar, uma presa franceza.

## VII

O Imperio, como se tem muita vez dito, era o tempo das capacidades militares, mas faltava ainda muito para que esta época fosse o tempo das

capacidades maritimas. Napoleão, que provavelmente, nunca tinha ouvido os seus cortezãos fallarem de Balidar, em S. Cloud ou em Malmaison, não pensou em enviar ao valente corsario a cruz que se começava já então a distribuir profusamente aos *maires* do campo e aos empregados da perfeitura. O corsario passou então, sem fazer muito caso de taes favores do governo imperial: a fortuna tinha-o já enchado com os seus favores, e os inimigos da França tinham-lhe desde muito tempo feito bastante justiça aprendendo a temer a sua audacia e a repetir myriades de vezes o seu nome.

A nobre, a dôce, a gloriosa paz de 1814, desceu enfim do ceu sobre a gente enfraquecida, como diziam todos os bons francezes que então formigavam na nação franceza. Balidar, como todos os corsarios, seus companheiros, voltou com este paz para o nada de que a guerra o havia feito sahir. Mas o seu nome, que o jornal *Moniteur*, não tinha ainda publicado senão para annunciar a entrada dos prezos que elle conduzia para os portos francezes, ficou, desaparecendo nos mares, na tradição dos habitantes das costas da França, lenda mais fiel, menos injusta e tão bella como a da historia escripta e da fama estudada. E hoje mesmo que a celebridade se cria tão depressa por meio de grande quantidade de reclamos, perguntae ao primeiro pescador vindo da Mancha o que era este Balidar de que jornal algum falla, o pescador responderia o que foi e o que fez o corsario tão pouco conhecido da imprensa e tão celebrado pelos homens que nunca souberam lêr. Não consistirá n'isso, crede, uma boa, segura e tenaz celebridade?

Alguns capitães do Havre, muito tempo depois da paz, dizem ter encontrado nas costas do Mexico, o famoso portuguez fazendo ainda o corso, alli, aonde o corso ainda se podia fazer.

Um dos capitães disse, mesmo que, podendo apoderar-se do navio que elle commandava, Balidar, se contentou em perguntar-lhe o nome e que depois de o ter reconhecido como um dos seus antigos amigos, lhe gritou ao porta-voz: «Continua seguindo tranquillamente. Vae dizer para o teu paiz que amarei toda a minha vida os francezes.»

Fôram estas as ultimas palavras que o corsario portuguez, dirigiu, certamente á França, em pleno mar a duas mil leguas da patria bem amada que elle tinha adoptado e que não o adoptou.



Quando um francez, assim falla, d'um portuguez, é caso para deduzirmos que muito mais haveria a dizer. Pena é, pois, que nada mais encontrassemos do que este pequeno escripto de Eduard Corbière.

*Esteves Pereira.*

## O FINAL D'UMA CAÇADA

—  
HISTORIA ALEMTEJANA

—  
*A Gabriel Pereira*

Erudito auctor dos *Estudos Eboresenses*

—  
Como me lo contaran  
te lo cuento.

Eu não sei se o leitor acredita em historias extraordinarias de coisas que nunca viu... Não acreditará, — e d'ahi talvez que acredite; mas, em todo o caso, pode gostar de as ouvir, de as ler. Eu, por exemplo, não creio que acontecessem jámais aquelles casos phantasticos, que nos conta Edgar Poe nas suas *Historias extraordinarias*, mas gostei de as ler e até de as reler: também não tenho uma fé incondicional, absoluta, no que nos dizem os politicos nos artigos de fundo, ás vezes phantasticos, dos seus jornaes — e o leitor? E todavia lemos-os todos os dias.

Dito isto fecho o prologo, e repito — *como me lo contaran te lo cuento.*

## I

Era uma vez... Como isto se passou ha muito, no tempo de minha avó, pode a historia principiar assim.

Era, pois, uma vez um caçador... Não, não di-

go bem; não era um, porque eram cinco os caçadores, que andavam cacando, no Alemtejo, nas imediações de... De Moura, de Ferreira, ou de Serpa? Ao certo não o sei, — se m'o disseram esqueci-o. Elles eram d'essas terras, mas para não mentir, nesta historia verdadeira, fica em branco o nome do sitio, que elle tambem pouco importa para o caso.

Andavam pois caçando os bons caçadores, quando, longe de todo o povoado, os surprehenderam as sombras da noite. Muita vez tal lhes succedera nas suas excursões, nem elles, habituados á vida fragueira, estranharam isso: eram cinco homens fortes e valentes, costumados a levantar e forçar os lobos e os javardos no covil, de dia, e de noite, nas *recovas*, á faca e a tiro; mas tambem tinham, como os fracos, vontade de ceiar, e não lhes sorria de forma alguma a perspectiva d'uma noite passada ao relento, observando a rotação dos astros.

E iam caminhando, e não viam nada. Nem gente, nem vislumbre d'uma casa!

E a noite ia crescendo, e em vão procuravam lobrigar alguma luz, que os guiasse n'aquellas trevas. Nada viam.

E applicavam o ouvido á terra, deitando-se no chão, como os selvagens, a ver se percebiam algum rumor, que denunciasse proximidade de gente viva. E nada ouviam. Tudo deserto, tudo silencioso. Um cemiterio todos aquelles campos e charnecas! Nem viv' alma!

E as trevas crescendo, e a noite avançando. E iam caminhando os bons caçadores.

Senão quando, lá ao longe, furando as trevas, appareceu-lhes uma luzinha, que ora bruhava, ora se sumia.

— Estamos salvos! gritou um.

— Estamos salvos! repetiram todos.

E estugaram o passo os bons caçadores.

## II

— Tiasinha, guarde-a Deus.

— Que Deus os guarde, senhores.

— O que ha naquella casa?

— Mau couto para caçadores.

— Vá de brincadeira. Não é o sitio asado para outerios. Vocês parece que estão a fazer versos! Mora gente alli? disse José Pedro — um dos caçadores.

— Morava, sim, senhor. Era o Luiz Preto, o guarda — mas agora não está lá ninguém.

— E aquella luz?

— Está o alumiaando, que elle morreu hoje. Eu venho de lá agora.

E a velha sumiu-se na escuridão da noite.

— Olha que encontro, t'arrenego! Uma velha e um defuncto! O José, não te cheira aqui a enxofre? Aquillo é alguma bruxa, ou o diabo em pessoa! Cruzes! disse um, com voz grossa, que queria parecer firme.

— Aqui n'estas alturas, amigos, não ha por onde escolher. Na guerra como na guerra. Vamos ter com o morto.

— Talvez que fôsse ceiar com o diabo, observou o da voz grossa. Pois fez mal, que se esperasse por nos ia aconchegadinho.

— Se morreu de fome, com este paio e com esta pinga ainda era capaz de resuscitar — accresceu outro.

E discorrendo neste estylo, que não é o do medo, mas que ás vezes o encobre, chegaram ao tugurio os bons caçadores.

## III

— Seja Deus n'esta casa — disse José Pedro, ao cruzar a porta, tirando o chapéu, e olhando a um e outro lado.

Os outros repetiram:

— Seja Deus nesta casa — e tiraram tambem os chapéus, correndo os olhos em volta.

Houve um momento de silencio.

— Não ha aqui ninguém? perguntou José Pedro.

— Ha o morto — disse um, apontando para um canto escuro.

Os olhos dos recémchegados dirigiram-se todos para lá. Num catre estava um vulto deitado, hirto, com os pés levantados e as mãos postas, todo coberto com um lençol.

Na parede, em frente da porta, negrejava um crucifixo, e uma candeia, que lhe ficava sobranceira, dava luz e sombras — mais sombras do que luz — ao sinistro aposento, prolongando na parede a mancha ondulante da figura do Crucificado. Um quadro de Goya.

— Então vamos passar a noite com este cavalleiro? — perguntou o Alexandre, o da voz grossa.

— Que se quede em paz com Deus, se elle o quizer para si — respondeu José Pedro. Tratemos de nós.

E dizendo isto, ia já fazendo fogo na lareira o bom caçador.

— Que pobreza de casa! Na arca nem nada! Nem um cavaco para o lume!

— É que elle metteu tudo no farnel. Não, que a viagem é longa.

A lareira crepitava, e os alegres companheiros, uns sentados, outros encostados á parede, lamentavam que o catre estivesse occupado por quem já nao apreciava os regalos e as doçuras da vida.

— É que se arreja ao chão; vai para cima da manta. Elle já não lhe dóe nada — dizia um creado. Cama fôfa ou terra dura — para aquelle é tudo o mesmo. Quantas vezes dormiria este fidalgo no proprio do chão, para o estranhar agora, depois de morto!

— Mas nós ainda não lhe vimos o rosto — e o que dizia estas palavras — o Alexandre — rapazão vermelho, alto e espadado, aproximou-se do catre, e levantou o lençol.

— *Caramba! mala cara tiene!* disse elle, recuando um pouco com os olhos pregados no cadaver. E' grande e negro como o demonio! Parece de pau santo! Isto já andou na Serra Morena!

— Pois se andou, olha, Alexandre, que não enriqueceu no officio.

— Cá está a escopeta do homem — gritou d'um canto um dos caçadores. Se isto falasse...

— Que grande gilvaz elle tem na cara! Agora reparo, — continuou o Alexandre, baixando-se para ver melhor — são dois golpes assim, e com os dedos fez uma cruz. E' a cruz do mau ladrão.

E, rindo a bom rir, dirigindo-se para a lareira, Alexandre abriu uma grande *cuchilla*, e dispoz-se a atacar um gordo paio. As borrachas negras tinham já sahido dos surrões, e ostentavam os bojudos ventres á luz viva do brazido d'um tronco de azinho, que José Pedro descobrira afinal no pobre albergue.

— Então, Alexandre, tem má cara o nosso patrão? perguntou José Pedro.

— Se tem. Bons ossos é que elle mostra. Sêcco como um pau! Que pena elle não arrancar á ceia! E historias que aquillo havia de saber! Não sabes o que perdes — disse o faceto latagão, voltando-se para o catre com a borraça já numa das mãos e um grande naco de paio na outra.

— Com os mortos não se brinca — disse José Pedro, com um tom sêcco.

— Elle não tem de que se offender. Até, se me ouviisse, havia de agradecer a lembrança... Nisto é que elle nunca poz os beiços, e mostrou o paio. Aquellas carnes crearam-se com sardinha salgada.

Uma gargalhada acolheu o gracejo do forte Alexandre.

## IV

Houve uma pausa. José Pedro, depois das ultimas palavras do seu companheiro, ficara muito serio. Os outros rodeavam-o, em frente do lar. Voltando-se para os dois, que lhe ficavam mais proximos, estendeu a mão, como quem vai falar.

— Parece-me que vossês estão ahí conversando de siminhas do outro mundo...

— Estavamos, sim, mas nós não acreditamos. Era por falar, e por causa do encontro.

— Sim, a occasião é propria — a noite escura e feia, a velha, o morto alem... O scenario está completo. Só faltam as vassouras para as bruxas montarem; aqui é coisa que não ha. Enquanto ellas — as bruxas — não apparecem por ahí, vou-lhes eu contar a historia d'uma alma do outro mundo, mas verdadeira.

— Verdadeira!? Como foi então?

— Verdadeira, sim. Estão vivos muitos d'esse tempo, que conheceram os actores: o principal foi o José Nogueira d'Araujo. Lembra-se d'elle?

— Se lembramos. Valente homem que elle era! Deixou fama.

— Pois o caso foi assim.

— Conte lá, conte lá — disseram todos, e accessos os cigarros, ficaram immoveis, á espera da promettida historia.

— Não posso — disse José Pedro — marcar ao certo quando isto foi. José Nogueira era já velho — devia andar para os setenta, mas a fibra era ainda a mesma. Uma noite, em casa, á ceia, disseram deante d'elle que havia dias que, pela volta das duas horas da noite, apparecia naquelles sitios um grande phantasma branco, d'uma altura enor-

me, arrastando ferros. Era grande o pavor com tal apparição, e da meia noite em deante não havia já quem se atrevesse a sair á rua.

José Nogueira ouviu com grande attenção a narrativa, que todos lhe affirmaram ser verdadeira, e, sorrindo, disse:

— Pois então sempre quero vêr a cara ao tal phantasma.

— Ora que idéa! observaram as senhoras que lhe conheciam o genio, e temiam as consequencias da empresa.

— Que idéa! Então que tem isto de extraordinario? D'esta idade que tenho nunca vi uma alma do outro mundo. Offerece-se-me agora a occasião, e eu aproveito-a. Ah! está a minha idéa: é a mais natural d'este mundo. O phantasma passa por aqui ás duas horas da noite, e eu espero-o.

— Na janella — disse uma das pessoas presentes.

— Não — qual janella, nem meia janella. Na rua. Quero vel-o bem de perto; quero-o ficar conhecendo.

— Então, vamos todos esperal-o

— Não — não é preciso incommodarem-se. Deitem-se, que eu cá fico de sentinella. Não tenho medo.

— Mas...

— Não ha mas Eu não preciso de companhia. Já disse.

Ninguém mais tugiou naquella casa. Quando o velho Nogueira dizia — já disse —, todos sabiam o que tinham a fazer — calar-se e obedecer.

## V

— Como o vento zurra lá fóra! Que noite! Vá lá uma golada, disse nesta altura da narrativa o Alexandre, aproveitando o movimento de José Pedro, que estava chegando mais para dentro da chaminé o toro de azinho. Ainda bem que viemos prevenidos.

— Nessa noite, escusado é dizel-o — continuou o narrador — ninguém se despiu em casa do velho Nogueira. Fizeram semblante de se deitar, mas todos ficaram nos quartos, de ouvido á escuta, promptos a sair á rua, apenas ouvissem vozes ou rumor de lucta.

Approximavam-se as duas horas — a hora do phantasma. Na rua Ancha estava um vulto embucado no capote, encostado a uma esquina. Era José Nogueira.

Duas horas a darem no sino mais proximo, e a ouvir-se um som de ferragens arrastando-se lentamente pela calçada José Nogueira voltou-se logo para o lado d'onde elle vinha, principiando a andar nessa direcção.

De repente apparece o phantasma na bocca da rua. Era como lh'o tinham descripto. José Nogueira parou e esperou-o, encostado á sua *Negra*, uma espada colubrina, que entrara em muita refrega e já vira muito sangue.

Vinha já perto a avestema. Quando a julgou a boa distancia José Nogueira atravessou-se lhe na frente e mandou-a parar. O phantasma não respondeu, e continuou a caminhar para elle. José Nogueira deu um passo á frente, desembucando-se todo, e, levando da espada, fez segunda intimação.

— Vossê para, ou não para?

E como o phantasma não parou, a espada revolteou, sibillando no ar, e o phantasma, dando um agudo grito, veio a terra. Ao baque, ao ruido dos ferros, e aos gemidos do homem ferido abriam-se as portas dos vizinhos, que acudiram com lanternas. Viu-se então quem era a alma penada: — um cabo do regimento de cavallaria, ahí aquartelado, que no seu bestunto descobrira que aquelle disfarce era o melhor para realisar umas entrevistas amorosas! O infeliz namorado, além da grande queda, que deu das andas em que vinha trepado, tinha uma cutilada n'uma perna.

E acabou-se a historia. Ao ferido, muito amofinado, quebrou-se lhe o encanto, e foi curar-se, senão da paixão, pelo menos do gilvaz. Os vizinhos puderam d'ahi por deante andar na rua, a horas mortas, sem receio do ruim encontro; a familia de José Nogueira ficou socegada, e elle, o velho brigão, contando singelamente o caso, e referindo-se á sua espada, a *Negra* — dizia com graça:

— E agora marquem mais uma á *preta*.

## VI

A historia acabara-se. O vinho esse é que não tinha ainda sahido todo das borrachas dos bons

caçadores, e com longos tragos lhes foram correndo as horas desentasteadas e despercebidas, ao contrario do que era de esperar, no principio d'aquella tenebrosa noite, tão mal auspiciada.

E elles — os bons caçadores — se tinham bom vinho nas suas borrachas, tambem tinham largo provimento de boas historias, alegres, saídas e picantes como o pimentão que lhes temperava os paños, e lhes acirrava o appetite para amiudarem as goladas.

Lá fóra o vento assobiava nos sultos, e os lobos, ao longe, uivavam na charneca.

Elles estavam bem alli, á lareira, a caçada fóra boa, e sentiam-se contentes n'aquelle desamparado albergue, que comparado com as suas habitações na cidade, parecia uma caverna de bandidos!

A lareira crepitava, parecia rir. Nunca vira tamanha festa, tão ruidosos e joviaes convivas. Afóra o grosso tronco d'azinho, ardia quanta madeira encontraram á mão, e a casa, com as suas paredes pardas de pedra ensoada, estava illuminada como se tivesse dentro o sol!

Subira a hilaridade; as gargalhadas succediam-se: eram atroadoras. Do morto que ali jazia ninguém já se lembrava. E que se lembrasse... elle estava morto. Um morto é um ausente. Está, e é como se não estivesse.

Beberam á memoria de José Nogueira, e depois á d'outros e outros, e, finalmente, aquelle que dava pelo nome de Alexandre, e era uma alma damnada, como lhe chamavam os seus companheiros, um *espírito forte*, como então diziam: os *francelhos* de cá, tomou á sua conta o finado, que jazia hirto, ao fundo, no seu pobre catre!

## VII

Estamos chegados á scena final. Aqui vae, como a ouvi contar muita vez a uma pessoa da minha familia, parente de José Pedro. Não cuide o leitor que isto seja uma fabula, producto da minha imaginação. O caso deu-se, e a lesão mortal que arrebatou José Pedro ainda moco, na força da vida, se não se originou ali, aggravou-se com as impressões verdadeiramente tragicas d'essa noite terrivel.

Alexandre continuava com as suas jocosidades. Chegara ao ponto de offerecer vinho ao morto!

— Vae uma golada, compadre? ... Então, seu Luiz, lá vae á sua.

N'este momento, com espanto e terror de todos, o morto revolveu-se no leito, soltou as mãos, esfregou os olhos, como quem desperta d'um longo e pesado somno, e sentou-se na cama; e depois, fitando os olhos esgazeados nos caçadores, pallidos e attonitos, ergueu-se e caminhou direito a elles.

Aquelles homens, todos destemidos, que não recuavam facilmente deante de dez ou de vinte, fugiram! José Pedro, o ultimo a levantar-se, achou-se sosinho. De frontou-se no meio da casa com o outro, e travaram-se os dois, braço a braço.

José Pedro era homem de grandes forças, mas o inesperado do lance tambem, no primeiro momento, lh'as quebrara. Com effeito, quem ficaria ali impassivel? A lucta dos dois foi desesperada, mas, finalmente, n'um impeto, José Pedro conseguiu levar-o até á porta, deixada aberta pelos espavoridos caçadores, e, arrojando-o de si com um supremo esforço, fechou-se por dentro.

Alli esperou que o sol viesse illuminar aquella scena, que elle nunca mais esqueceu. Que noite aquella!

Ainda mal vinha rompendo a manhã repetidos assobios denunciaram lhe a presença dos companheiros. Abriu a porta. Eram elles, acompanhados de povo, alvoroçado com a narrativa do estranho successo. Estavam affastados, todos, em frente da casa, como receando approximar-se!

Defronte da porta, a dois passos, jazia estendido, e sem movimento, um homem. Era o Luiz Preto, o guarda, agora realmente morto!

E assim acabou a caçada dos bons caçadores. 14 agosto, 93.

Zacharias d'Aça.



## REVISTA POLITICA

Temos dito mais de uma vez e hoje o repetimos, que a policia está sendo em Portugal a instituição mais importante, a mais indispensavel, a que mais serviços presta e sem descanço, não chegando para as encomendas.

E não se pense por isto que são os fadistas do Bairro Alto ou da Mouraria, que lhe dão mais que fazer, com as suas *naifas* apontadas ás tripas do proximo, ou os ratoneiros furtando gallinhas pelos quintaes, ou os padeiros roubando incorregivelmente o peso no pão, ou enfim as quadrilhas do Diogo Alves assaltando de noite as casas dos inermes habitantes de Lisboa. Nada d'isto é o que está dando trabalho á policia, o que a faz deitar os bofos pela bocca fóra, sem saber a que ha-de acudir primeiro. O que a faz andar n'uma roda viva são os ho-

creviam-se artigos violentos nos jornaes, intrigava-se nos corredores das camaras e das secretarias, conspirava-se nas copas dos chapéus altos, deitando-se abaixo ministerios e elevando outros, e a nação, bode espiatorio de todas estas politiquices, a ir por agua abaixo, com um *deficit* enorme de dinheiro e outro não inferior de moralidade e de bom senso.

Chegou um momento em que os pessimistas tiveram razão. O paiz tinha-se empenhado ao ultimo extremo, o credito estava esgotado e o desequilibrio economico da nação attingia mais de vinte mil contos annuaes, porque importando quarenta e tantos mil contos de generos e manufacturas de toda a especie, a sua exportação o maximo a que chegava era a vinte mil contos.

Quer dizer, além da má administração da fazenda publica, o trabalho nacional estava completamente descurado.

Ha tres annos que as coisas chegaram a este ponto, e os que até ali disputavam o poder, como a suprema ambição da sua vaidade n'esta sociedade decadente, principiaram a affastar-se, a regeital-o até, porque o ser governo principiava a ser um cargo pezado, e apinhoso, difficil, em uma casa roubada, sem credito, sem administração.

Todos temos assistido a isto, por nosso mal, e tem sido de ver a difficuldade com que ha tres annos a esta parte se tem organizado ministerios.

E' que as responsabilidades cada vez são maiores para os que quizerem governar. E' que a necessidade de administrar impoz-se fatalmente na casa fallida, e essa administração tem espinhos, como os que estão rebentando por todos os lados, abrindo aos olhos de quantos querem ver, as chagas até aqui occultas sob a incuria administrativa que as deixou assolapar em silencio.

O que dizem a isto os politicos? Terão reconhecido que a primeira necessidade de uma nação é ser bem administrada, com a de qualquer outra corporação ou familia? O tempo dirá se a lição aproveitada, mas receiamos muito, que em breve se dê por sufficientemente cheio o *sacco de mentiras* dizendo-se: basta.

E basta tambem de conversa por hoje, porque eis-nos chegados ao ultimo quarto de papel.

Ainda não vae d'esta, o dizermos alguma coisa dos acontecimentos do Brazil, que tão de perto estão interessando o nosso paiz, mas os leitores não perdem nada, porque nada lhe poderiamos dizer de positivo, no meio de tantas noticias contradictorias.

Se até os proprios brasileiros nada sabem, como se vê pelo seguinte extracto das camaras brasileiras:

O sr. Seabra — Que garantias, que esperanças, pôdem existir no seio, na consciencia dos brasileiros

de que o dia de amanhã será o dia da regeneração, de paz e de tranquillidade?

(O sr. Martins Glycerio dá um áparte).

O sr. Seabra — E' de lá d'aquellas pampas que ha de saltar o vendaval que ha de envolver na sua furia o general tyranno.

(O sr. Glycerio e outros dão ápartes).

O sr. Seabra — Não sabe se aquillo é revolução; sabe que é o desespero deante da tyrannia.

(O sr. Glycerio dá um áparte).

João Verdades

### Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1894

Sabe no dia 20 do corrente este annuario illustrado.

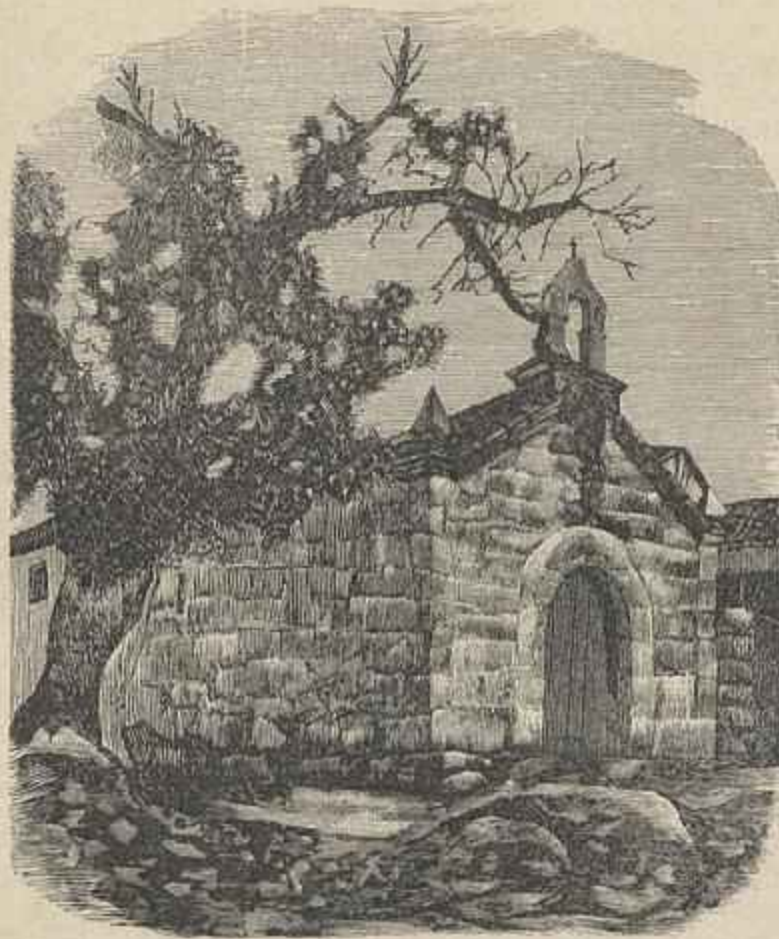
A capa é um formosissimo chromo allusivo ás touradas, em que se vê a Praça do Campo Pequeno. Preço 200 réis; pelo correio 220; pedidos á

#### Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho. M. d'Alto & C.<sup>a</sup>, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 & 29



EGREJA DE VILLA MEÃ

(Copia de uma photographia do sr. Carlos Relvas)

meus de casaca e pescoço engravatado, que tendo vergonha de serem pobres, não tiveram vergonha de não serem honrados, que não querendo faltar ás exigencias caprichosas do viver dos ricos, faltaram á sua propria dignidade para hobrear com elles.

São modos de ver e de pensar, que se vão propagando assustadoramente, no fim d'este seculo, como verdadeira liquidação social.

Depois dos ultimos roubos do correio, apparecem os roubos das obras publicas e n'esta perigrinação em que se vae ha tempos a esta parte, não se pôde calcular até onde chegará.

A lepra esteve muitos annos occulta á força de pomadas e elixires com que a tapavam, mas por fim veio á profia e já não ha tizanas capazes de a curarem sem fazer amputações n'este corpo gangrenado.

A politica absorveu de tal modo e por tantos annos os partidos, que não lhes deixou cuidar das coisas de administração. Tudo consistia em ser governo e em ser opposição para todos arranjarem o seu empregosito, as suas commissões, as suas conveniencias individuais, e só a nação é que se desarranjava, os seus negocios corriam no Deus dará, sem ninguém se importar com isso, nem por obrigação nem por devoção.

Para isto faziam-se discursos no parlamento, es-